

CINEASTAS QUEREM MAIS DINHEIRO

Carlos Del Pino nem mesmo concluiu o longa-metragem filmado há oito meses, a partir de duas minióperas de Jorge Antunes (*A Borboleta Azul* e *O Rei de Uma Nota Só*), e já se prepara para retomar, novamente, a via-sacra em busca de recursos para rodar novo filme.

João Rocha (título provisório) conta a saga de família humilde que parte em busca de vida melhor após a morte do pai. Depois de muito andar, mãe e filhos se instalaram nas terras de rico fazendeiro, que logo se apaixona pela filha mais velha, jovem e bonita.

O roteiro do filme ainda não está pronto, mas Del Pino já integra frente de cineastas de Brasília que está pressionando o secretário de Cultura, Silvio Tendler. Os direto-

res querem que o governo libere recursos para financiamento de novas produções.

"Sem dinheiro, não consegui finalizar o filme-ópera, falado em português e destinado às crianças. Ele é ótima opção para se levar às comunidades carentes, que não têm condições de ir ao teatro", argumenta o diretor de *A República dos Anjos*.

"Estamos preocupados com os rumos que o Pólo de Cinema tomou nos últimos anos", diz Lyonel Lucini, presidente da Associação Brasiliense de Cinema e Vídeo (ABCV). Ao longo de 1996, apenas R\$ 125 mil foram liberados pelo governo para financiamento de novas produções.

Três filmes foram produzidos: o longa *O Cego que Gritava Luz*, de João Batista de Andrade (R\$ 55 mil),

e os curtas *Uma Janela para os Pirineus*, de Armando Lacerda (R\$ 35 mil), e *Eu Sou o Cerrado*, de Lyonel Lucini (R\$ 35 mil), ainda inacabado.

"Não queremos que o governo finance todo o filme. Mas que nos conceda pelo menos o *start money*, dinheiro para deslanchar a produção", diz Lucini, segundo o qual em maio o pólo elaborou edital de financiamento, no valor de R\$ 1 milhão, que foi recusado pelo governo.

O apoio governamental, raciocina Del Pino, "serve de credibilidade para que o diretor possa conseguir novos parceiros. Estamos cansados de esperar. Há dois anos estamos aguardando. O governo tem de manifestar se está a fim de participar ou não."

Em Brasília, afirma Del Pino, "mesmo você pagando pelos servi-

ços prestados pelas empresas estatais, a impressão deles é a de que estão lhe fazendo um favor. Não há a consciência de que o cinema é indústria, que gera emprego, divulga a cidade..."

Wladimir Carvalho, entretanto, discorda quanto à reivindicação de dinheiro público para financiamento de novas produções. "Temos de acabar com essa choradeira. É preciso, sim, reunir esforços para que tenhamos um pólo com a participação do empresariado."

O Pólo de Cinema, opina Carvalho, deve atuar como órgão de apoio à produção, agilizando o "fazer cinematográfico", inclusive esclarecendo empresários e cineastas quanto ao melhor uso das leis de incentivo à produção cultural.

FILMES COM APOIO DO PÓLO

CURTAS

Defunto Vivo, de Joaquim Saraiva

Good Bye, de José Geraldo Magalhães

Rito Krahô, de Marcos Mendes

O Guarda Linha, de Liloye Brigitte Boubi

Babaçu, de Lyonel Lucini

Explosão Aborigene, de Pedro Anízio Figueiredo

Passageiros de Segunda Classe, de Waldir Pina de Barros

Dente por Dente, de Alice de Andrade

A Desforra da Titia, de Reinaldo Pinheiros

Atheos, de Antônio Martins Giles

O Homem que Ensinou a Voar, de Pedro Jorge

Eu Sou o Cerrado, de Lyonel Lucini

A Cucaracha, de Pedro Lacerda

Razão para Crer, de Héber Moura e Eric Castro
Uma Janela para os Pirineus, de Armando Lacerda

LONGAS

Capitalismo Selvagem, de André Klotzel

Alma Corsária, de Carlos Reichenbach

A TV que Virou Estrela de Cinema, de Yanko Del Pino e Márcio Cury

Conterrâneos Velhos de Guerra, de Wladimir Carvalho

A Terceira Margem do Rio, de Nelson Pereira dos Santos

O Calor da Pele, de Pedro Jorge de Castro

Sábado, de Hugo Giorgetti

O Menino Maluquinho, de Helvécio Ratton

Louco por Cinema, de André Luiz de Oliveira

Rock & Hudson (desenho), de Otto Guerra

O Cego que Gritava Luz, de João Batista de Andrade